

Jorge Amado dá uma força

Quando comecei, ainda menino, a escrever, o Rio de Janeiro tinha a hegemonia da vida cultural do Brasil. Nada acontecia, se não acontecia no Rio de Janeiro; e para lá todos íamos. Aos poucos a riqueza permitiu que São Paulo se afirmasse como outro centro criador. Hoje as grandes cidades de Norte a Sul — Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte, Recife, tantas outras — vivem a mais completa independência cultural, e esta é uma conquista definitiva, irremovível. Mas a cultura não pode deixar de lado o seu aspecto nacional ou a sua relação com o poder. Ela não deve servir ao poder, mas ela também não deve ignorá-lo: ambos devem refletir a nação brasileira. A cultura brasileira tem que passar por Brasília, pela capital do Brasil, que não deve ser um ponto de chegada, como acontecia com o Rio, mas o local privilegiado para o encontro das múltiplas faces do Brasil e do povo brasileiro.

A cidade que Lúcio Costa criou é um lugar onde há paz para o homem viver, trabalhar, construir, lutar pelo futuro. As colinas, as arcadas, as pedras de Brasília que o gênio de Oscar Niemeyer animou de vida são atos de amor à paz, à humanidade, ao ser humano. São seres de beleza sem par, tocando de leve o chão, sensuais e etéreos como mulheres, feitos de feitiço e encanto. Oscar é nosso artista maior, o que mais representa o Brasil, o mais brasileiro. Na grande esplanada de Brasília, no coração da cidade — o coração da cidade — nascerão mais uma vez formas imortais, revelações do mundo visto através dos olhos de Oscar, visão que dividirá conosco, como sempre generoso e solidário.

O Centro Cultural de Brasília reúne, assim, a necessidade nacional com a oportunidade de completar este conjunto arquitetônico pelas mãos de seu criador.

Jorge Amado